

# KOSTAS AXELOS E A QUESTÃO FILOSÓFICA DO JOGO

Paulo César Silva de Oliveira

Universidade Iguazu

**RESUMO:** Este artigo é uma breve introdução à questão filosófica do jogo na leitura de Kostas Axelos acerca da obra de Martin Heidegger.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marx. Heidegger. Jogo. Filosofia.

## Introdução

Começaremos por um breve comentário sobre um texto de Kostas Axelos, em *Horizons du monde*. Axelos retoma Marx e Heidegger para, assim, refletir a questão do jogo e suas implicações no pensamento contemporâneo. Marx, diz Axelos, sustenta que o sistema capitalista impede o trabalhador de sentir prazer no/do seu trabalho e de vê-lo como “jogo de forças corporais e espirituais”. A segunda observação vem de Heidegger: “a essência do Ser é o próprio jogo”. Tentemos elaborar e aprofundar as questões que Axelos levanta em torno desses dois pensadores: pela visão marxista, a supressão do capitalismo permitiria que o homem se manifestasse no jogo, e como jogo isso ocorreria pela abolição da distinção entre trabalho (necessidade) e jogo (liberdade). Na interpretação heideggeriana, o jogo constitui a essência do Ser. O Ser pensa a partir do jogo e não o inverso. O sentido do Ser seria marcado, assim, pelo que é/foi esquecido pelo ser-humano. Então, o Ser e o ser-no-mundo se dissociam e o sentido do Ser passa a residir no jogo.

A consequência deste duplo movimento efetuado por Marx e Heidegger será observada na construção do pensamento acerca do mundo e do Ser, que passa não mais a obedecer somente a princípios transcendentais ou ideais, a saber: a verdade, o bem e o belo.

E como começa a ganhar força a questão do jogo (ou seja, a problemática fundamental acerca do pensamento sobre o Ser como jogo do homem enquanto contraponto ao jogo do mundo)? Nesta trajetória, insere-se de forma contundente a reflexão de Kostas Axelos, especialmente em sua obra *Horizons du monde*. Os comentários sobre Marx e Heidegger se nutrem da leitura deste livro importante, o qual teremos a pretensão de, apenas, resenhar, no que toca à questão do jogo.

## 1. Um breve percurso

Axelos identifica inicialmente um jogo de forças elementares: este seria o jogo do mundo mediatizado, cujas linhas de força são compostas por quatro conjuntos fundamentais: o primeiro seria o da magia, mito e religião; o segundo conjunto, o da poesia e arte; o terceiro conjunto abarcaria a política; o quarto e último englobaria filosofia, ciência e técnica.

Após Platão, essa relação será pensada em termos de não-jogo ou, mais precisamente, em termos de ideia.

Depois do advento da filosofia hegeliana e, mais tarde, após o movimento de desconstrução dos grandes sistemas idealistas (leia-se platônicos ou neoplatônicos, como queiramos), a filosofia chega a um impasse. Toda a filosofia até Hegel pensará o ser do mundo através de três grandes esquemas: o do *logos-physis* (com os gregos); do *logos-Deus* (judaico-cristianismo); e o do *logos-homem* (na Europa moderna).

A *Physis* morre quando Deus se revela; Deus começa a morrer quando se revela o homem. A partir do momento em que se coloca o sujeito no centro, o homem começa a morrer. A partir daí, o jogo do mundo se anuncia. Mas como isso se dá? Será necessário pensar a princípio a significação do jogo. O que é o jogo? O jogo é, agora, jogo do mundo, mundo como jogo, onde o homem é o jogador por excelência. Mundo, no sentido heideggeriano, não obedece a regras postas ou impostas. Ele contém as regras, as engloba. O que nós oferecemos a este mundo é, sobretudo, interpretação e doação, nós que somos seres intramundanos. Dentro desse jogo de doação e interpretação encontramos a poesia e a arte. Mais precisamente, ou especificamente, no nosso caso, o problema da literatura, da literatura como jogo.

Como nosso pensamento sobre o literário ainda é mimético e representacional (ainda que proclamemos sua superação, como contornar os ardis metafísicos que se insurgem já a partir da língua, ela mesma metafísica por excelência), a questão do jogo não é mais apenas um capítulo da análise diacrônica do fenômeno literário. Ela é o ponto de referência para uma compreensão do literário que escapa às dicotomias platônicas, ou melhor, ao platonismo, antigo ou novo. As linhas de força com as quais a literatura trabalha são subconjuntos deste conjunto maior que é o jogo de forças elementares, o jogo do mundo, quer dizer, o jogo linguístico: o jogo de signos e regras; o jogo da lógica: jogo autoregulador; o jogo do trabalho: diversos jogos postos em movimento (Marx), a luta visando o poder; os jogos variados do amor; o jogo da sexualidade; e o jogo da morte.

A literatura, neste contexto, se mostra como forma privilegiada de pensar e colocar em questão a problemática do jogo, porque ela o explicita e repete. A literatura trabalha a questão do jogo, da repetição niilista do jogo. Ela perpassa as etapas do *logos* (lembramos: *logos-physis*, *logos-Deus*, *logos-homem*) e, mais ainda, ela as ultrapassa. Pois ela sempre (em quaisquer das épocas descritas por Axelos) mostrou a questão do jogo como sua própria forma de inserção no mundo. A literatura está contida no mundo, mas ao mesmo tempo engendra mundos; é, simultaneamente, dentro/fora e não pode ser pensada em uma relação dicotômica; não se coloca nem dentro nem fora, sendo ora dentro, ora fora ou, ao mesmo tempo, dentro e fora. Sendo escritura, ela comunica um passado na atualização presente, mas é sempre um devir, horizonte de possibilidades. O jogo da escritura: possibilita a vinda do outro. O jogo da escritura: alteridade. O jogo da escritura: o acaso. O jogo da escritura: o segredo.

Em sua relação com o mundo (linguística, política, interpessoal) a literatura se manifesta e se esconde. O autor existe em ausência, é uma não-presença que permanece e sua obra existe em função de um leitor, com o qual joga o jogo das interpretações, mas esse jogo também se mostra em declínio. A crise da interpretação é a crise de uma forma de compreensão dos significados visíveis, ou seja, da tentativa de se revelar o segredo da literatura, segredo que é a condição, o modo-de-ser da literatura. Pretendemos sempre desvendar o jogo da literatura, atribuir-lhe significados, promessas, verdades, mas tudo o que dissemos dela/sobre ela é sempre mais texto. Produção incessante de textos. O resultado deste jogo é mais jogo.

O que está em jogo aqui? Nada menos que os paradigmas metafilosóficos que procuram pensar a verdade do literário pela verdade da filosofia. Paradoxalmente, é na crise do pensamento filosófico que a literatura se apresenta para mostrar sua verdade. E sua verdade reside no fato de não possuir um centro regulador. Podemos descrever jogo relacional entre os elementos que compõem a matéria literária, mas dela não podemos retirar uma verdade, um ensinamento, uma intenção, um engajamento qualquer. A literatura bem como toda arte, abole a distinção trabalho/jogo em favor do último. Ela só é uma necessidade para aquele que a produz. Como ente privilegiado esta se lança para o futuro no brinde à vinda do outro (alteridade). O outro (o leitor, interlocutor, quem é outro?) que atualiza, interfere, modifica, rasura, apaga, suplementa. Oferece uma contra-assinatura àquilo que chamamos o legado de um autor (empírico, modelo, não é relevante aqui).

Como o espaço e o tempo para discussão são muito limitados, podemos interromper aqui, neste momento, com algumas palavras de Kostas Axelos: “Nosso trabalho consiste em

saber ler em todo jogo do mundo, todo e qualquer jogo e, principalmente, o jogo do mundo. E não somente ler, mas jogar, derrubando necessariamente as convenções e regras”. A literatura fala dessa necessidade de jogar. De expor as regras ao seu limite, de falar sempre no limite. Como diz Axelos, “todos os jogos já foram jogados”, restando a nós apenas jogar. E não é esse questionamento do predomínio do significado em favor da celebração do significante que o conceito de literatura como jogo procura evocar? Neste questionamento, a literatura refaz todo o percurso metafísico, a história do *logos* em suas diversas épocas, apontando sempre para o jogo livre dos significantes, desfazendo, descosendo aquilo que Marx apontara – como nos lembra Axelos – como supremacia do trabalho (necessidade) sobre o jogo, cujo sinônimo é liberdade.

### **Referências bibliográficas:**

AXELOS, Kostas. *Horizons du monde*. Paris: Éditions de Minuit, 1974, p. 77-84.

HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

### **Kostas Axelos e a questão filosófica do jogo**

Paulo César Silva de Oliveira

Universidade Iguazu

**Abstract:** This article is a brief introduction to the philosophical problem of the play (Jeu) according to Kostas Axelos’s readings on Martin Heidegger’s works.

**Key words:** Marx. Heidegger. Play. Philosophy.